

A REPÚBLICA DE VENEZA (e área circundante)

A REPÚBLICA VENEZIANA

O Norte da Itália no Século VI d.C.

Quando Teodorico, o rei bárbaro da Itália, no século VI, disse que “o país tinha abundância de madeira”, não se referia à bacia do Tíber. Para suprir as necessidades de Roma, aquela região já havia sido devastada muito antes da sua ascensão ao poder. Na verdade, ele tinha em mente outras áreas — a bacia do Pó e o território ao norte do rio — a maior parte do qual um dia estaria sob o controle da República Veneziana.

A madeira surgiu na cabeça de Teodorico porque ele pensava em construir uma frota “que além de assegurar o transporte de cargas públicas, poderia, em caso de necessidade, combater os barcos inimigos”. Para realizar seu sonho e ver a Itália “com sua própria frota” o rei ordenou a um subalterno “para coletar madeira nas margens do rio Pó”.

Com a madeira daquela região, os mestres dos estaleiros reais, segundo consta, construíram em pouco tempo mais de mil navios de guerra. Teodorico elogiou o mestre de obras, Abundância, que conseguiu “uma frota quase tão depressa quanto os homens comuns conseguiriam navegá-la”. O fato de ter uma frota de tamanho tão significativo à sua disposição fez com que o rei se sentisse confiante para tratar de assuntos internacionais. “Agora

O governo veneziano fez um grande esforço para assegurar a disponibilidade de madeira e breu, os materiais essenciais para a construção naval. A maioria das árvores que lhes permitia obter esses materiais crescia nos Alpes acima de Verona, perto do rio Adige o que facilitava seu transporte para o "Arsenal". Veneza persuadiu as autoridades de Verona, por onde o rio Adige passava, a proibir o transporte destes dois itens rio abaixo, exceto quando autorizado por funcionários venezianos. Os venezianos pressionaram para regulamentar o estatuto, o que foi feito de tal maneira que "todas as coisas estivessem bem acertadas e estabelecidas entre a comunidade e o Duque de Veneza", segundo relataram funcionários de Verona. Como parte da sua campanha para preservar os suprimentos navais com fácil acesso, o governo veneziano proibiu também a exportação de madeira cortada das encostas e montanhas no norte da cidade que poderia ser facilmente transportada pelas águas do rio Piave. Por razões similares, foi passado um decreto que limitava a quantidade de lenha cortada e usada como combustível na indústria de vidro — a principal indústria de Veneza — e proibia que os trabalhadores queimassem madeira que poderia servir para a construção de navios no Arsenal.

A Ameaça dos Turcos

Embora Ibn Khaldun admitisse a soberania dos cristãos no mar, naquele momento, ele julgava que não duraria muito. "Se acreditarmos numa profecia popular... os muçulmanos no final recuperarão a superioridade sobre os cristãos e conquistarão os países do outro lado do mar, onde a religião deles predomina", escreveu o historiador, concluindo seu tratado sobre as potências marítimas e assuntos internacionais com uma nota otimista.

Em 1470 a profecia se realizou através da frota turca, que disputava com a marinha veneziana o controle de Eubéia, uma ilha situada a leste do continente grego. O comandante de um navio de guerra de Veneza, um veterano de muitos combates, não podia acreditar nas proporções da frota inimiga e disse arquejante: "A princípio pensei que eram aproximadamente trezentos navios, mas agora calculo uns quatrocentos. O mar parecia uma floresta... juro que do primeiro ao último navio, a frota se estendia por mais de 9 km... e poderia ser a ruína do cristianismo."

Os venezianos sofreram uma derrota humilhante e a vitória encorajou os turcos a desafiar as leis de Veneza. Os soberanos do Império Otomano nada

que já temos a nossa frota", anunciou, "não há mais motivo para deixar os gregos brigarem conosco e nem os africanos nos insultarem."

A posse de todos aqueles navios possibilitou ao rei restabelecer, pelo menos em parte, a tradição cosmopolita de Roma, entrando no comércio marítimo. Teodorico iniciou sua campanha para aumentar o comércio, ordenando a remoção das redes com que, pelo menos no que lhe interessava, "os pescadores bloqueavam os canais dos rios". Em seguida, exigiu: "Deixem os rios livres para o tráfego dos navios."

O Começo da República Veneziana

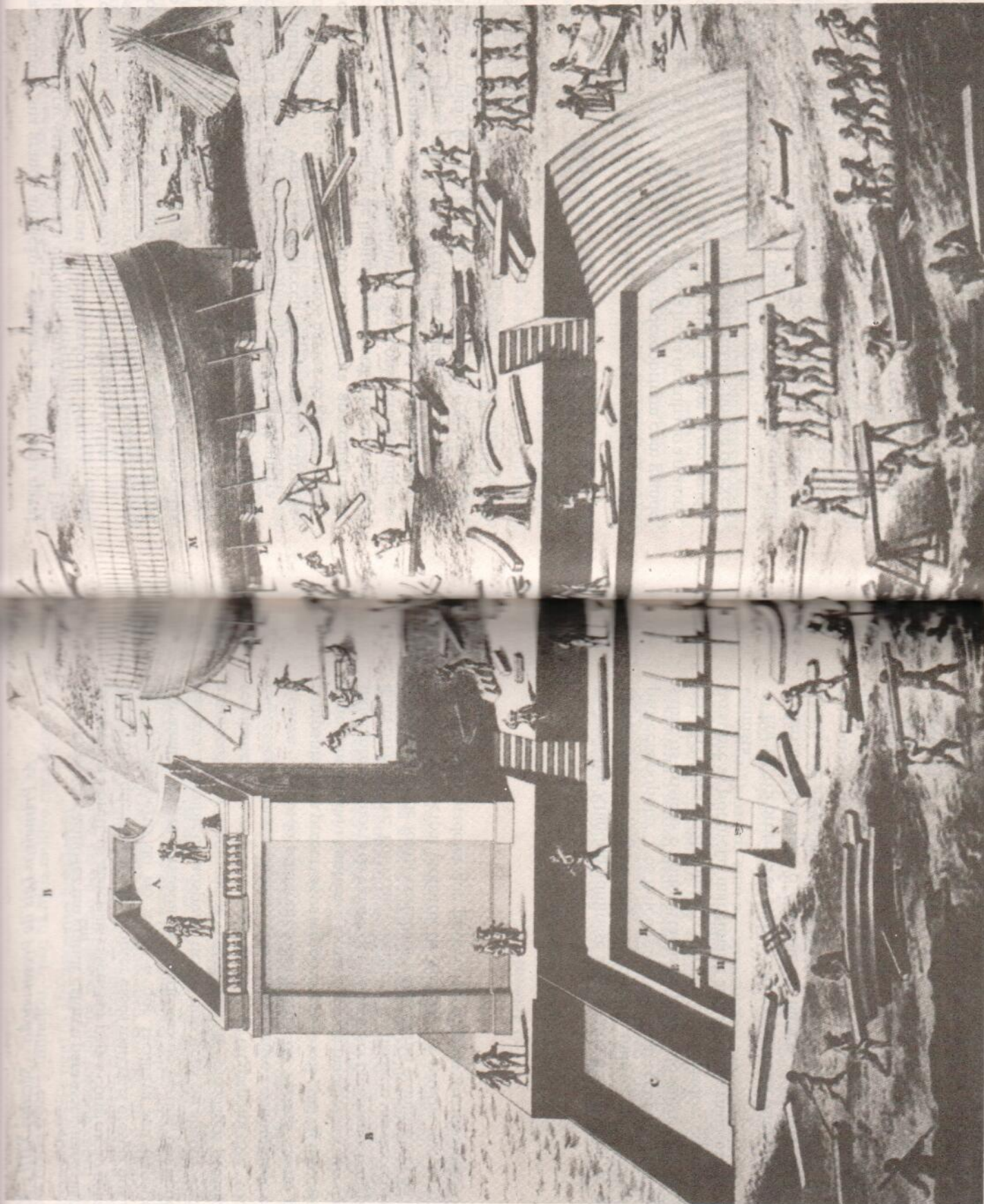
Séculos depois, os venezianos mostraram o mesmo pendor para o comércio. Segundo um observador do século XI, o comércio marítimo tornou "o país rico". Por se mostrar mais intrépida nas batalhas navais e mais habilidosa em navegação que qualquer outra nação, Veneza se tornou o Estado mais rico do mundo cristão.

O Arsenal

O sucesso de Veneza permitiu que os cristãos assumissem novamente a supremacia do Mediterrâneo, fato que Ibn Khaldun lamentou muito. Mas para garantir que este poderio passasse de geração em geração, os venezianos precisavam encontrar uma maneira de fabricar mais barcos e melhores que os dos seus rivais. No início do século XII, o doge de Veneza, o governador da República, surgiu com uma solução. Ele consolidou a indústria de construção naval que era fragmentada — e uma empresa privada — que anteriormente produzia os navios de guerra da cidade, transformando-a num estaleiro dirigido pelo Estado. Os venezianos denominaram seu estaleiro gigante de "Arsenal", uma palavra de origem árabe que significa "Casa da Construção".

O Arsenal tornou-se um centro de atividades. Quando num certo inverno Dante fez uma visita ao "Arsenal", viu alguns trabalhadores "fervendo um piche pegajoso", enquanto outros besuntavam a madeira das embarcações no dique seco com breu e calafetavam as fendas. Outro grupo estava ocupado em construir um barco novo, enquanto alguns trabalhadores martelavam a proa de outro barco, outros martelavam a popa. Outros ainda fabricavam remos.

A construção naval num arsenal. Embora esta cena transcorra na França, ela se parece bastante com as atividades no Arsenal de Veneza.
(Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, Biblioteca de Coleções Especiais.)



fizeram para esconder sua grande ambição — eclipsar a supremacia naval dos venezianos e mostrar sua confiança em que atingiriam sua meta. Um ministro turco, do alto escalão, declarou ao embaixador de Veneza: "Diga aos lordes venezianos que seu casamento com o mar chegou ao fim."

Os turcos muçulmanos não precisavam preocupar-se com a madeira para a construção e manutenção de sua grande frota. Tinham a Bitínia, no litoral sudoeste do Mar Negro, e a Trácia, no norte da Grécia, ambas conhecidas há milênios por suas grandes florestas. Como o controle dessas florestas estava em suas mãos, eles podiam escolher as melhores madeiras para a construção naval. Um escritor italiano especializado nessa área observou esse fato e comentou que os turcos construíam "seus navios de guerra ... com troncos muito grossos". Veneza reconheceu de mau grado a capacidade de dos turcos de colocarem em combate quantos navios de guerra quisessem, já que controlavam um suprimento de madeira aparentemente interminável. Sua única expectativa de limitar a frota turca seria restringindo o número de marinheiros treinados disponíveis. Estas considerações influenciaram a política veneziana quanto ao tratamento dado aos marinheiros turcos capturados. "Já que os turcos não têm dificuldades em obter madeira", informaram ao capitão geral da marinha num documento secreto, "não podemos libertar os prisioneiros turcos com capacidade de liderança, pois estes apenas continuariam a luta pela vitória."

A Reação de Veneza

Logo após a derrota de Eubéia, os oficiais venezianos fizeram a avaliação das condições da madeira no seu próprio território e descobriram com grande consternação que nas melhores florestas o povo já havia derrubado a maioria das árvores que ali cresciam "sem qualquer preocupação com as necessidades futuras", "cortando e desperdiçando uma quantidade enorme de excelente madeira para fazer aduelas de barris e carvão vegetal".

As autoridades de Veneza, sentindo que não poderiam permitir que toda aquela devastação continuasse, declararam: "Nosso Arsenal no presente momento precisa de muita madeira, na verdade jamais teve tanta necessidade como agora." A República, para garantir uma produção contínua, decretou que todos os carvalhos — o tipo de madeira mais usado na construção naval — que cresciam nos seus domínios, deveriam ser reservados para o Arsenal, bem como o solo onde estavam plantados. Veneza não viu outra saída a não ser adotar medida tão drástica, se quisesse enfrentar o desafio turco, pois sem os carvalhos nativos, argumentaram os legisladores venezianos, "ficaríamos reduzidos a tal calamidade que para suprir as necessidades

do nosso Arsenal, precisaríamos conseguir madeira no estrangeiro a um custo extremamente elevado, o que representaria uma grande ameaça ao nosso Estado".

Em 1471, portanto um ano depois, o Senado deu mais um passo no sentido de controlar melhor suas florestas. A pessoa encarregada de fornecer o suprimento para o Arsenal relatou que na floresta de Montello, perto de Treviso, havia madeira suficiente para construir mais de cem das melhores galeras, um número suficiente para contra-atacar a força naval turca. O Senado declarou que em consideração à "grande utilidade e ao valor que a madeira representa para o Arsenal na situação atual, seria proibido cortar ou ordenar o corte de qualquer espécie de árvore na floresta de Montello, independente do motivo, que não fosse para o uso do "Arsenal".

Uma Luta pelas Florestas

Os venezianos tinham conquistado a floresta de Montello e a área circundante dos pântanos de Treviso no século XIV. Desde a conquista, o prefeito de Treviso governou em nome de Veneza. Os venezianos, no entanto, não fizeram nenhuma reivindicação relacionada com as áreas florestais até que o fracasso com os turcos os obrigou a perceber que sua sobrevivência dependia da preservação de florestas de carvalhos como aquela. No final dos anos 1300, quando várias vilas vizinhas solicitaram ao prefeito de Treviso permissão para construir uma serraria para suprir madeira, ele aprovou com entusiasmo, já que a exploração das florestas beneficiaria as comunidades. Seu sucessor permitiu que as mesmas cidades substituíssem a serraria por fornos, depois de receber, em 1414, uma petição para essa mudança e um relatório de que as comunidades tinham apoiado a medida. Tal assentimento por parte dos funcionários venezianos mostrou que por um longo período Veneza tinha reconhecido o direito dessas populações de utilizar as áreas florestais vizinhas como achassem melhor.

Aqueles que viviam perto das florestas, especialmente os habitantes que residiam perto de Montello, interpretaram corretamente a nova política florestal da República como uma medida para usurpar seu direito secular sobre as florestas e que ameaçava seu bem-estar, uma vez que tinham se acostumado a usar e vender o carvalho como lhas aprouvesse. No caso dos povoados de Montello, as novas leis florestais os impediram de operar seus fornos. Contrariamente, funcionários de alto escalão do Estado veneziano chegaram a considerar o domínio da floresta de Montello "como uma graça singular de Deus a este estado, porque, ao basear a liberdade dessa república

no poder marítimo, com as riquezas da floresta, Veneza podia assegurar-se de que nunca teria falta de galeras”.

A população local recusou a submissão à autoridade veneziana na floresta de Montello. Os habitantes derrubavam árvores novas, como informou um relatório especial ao governo central, deixando poucas árvores jovens para se desenvolverem. Além disso, quando juntavam poucas árvores para usar como combustível — conforme ficaram sabendo as autoridades —, arrancavam carvalhos jovens e os misturavam aos feixes de lenha, de modo que ninguém pudesse perceber a infração. Preferiam carvalhos jovens porque eram mais fáceis de cortar e davam melhor carvão vegetal. Um funcionário público veneziano, mandado para a região de Montello pelo Senado também encontrou “muita madeira cortada de árvores de grande porte apodrecendo no chão”, e o que era bem pior, na sua opinião, “florestas inteiras queimadas para dar lugar a colheitas”.

Os Venezianos Revidam

Tornou-se óbvio para todos os administradores de Veneza que souberam da situação em Montello, que o Estado precisava reprimir a atividade ilegal dos indivíduos na floresta, principalmente porque a maioria dos venezianos acabou considerando os carvalhos que cresciam naquela região como “os verdadeiros sustentáculos da república”. Um funcionário afirmou que a severidade da penas contra aqueles que prejudicavam as florestas deveria ser aumentada. Um dos funcionários públicos argumentou que as penas existentes — uma multa de vinte liras e/ou dois meses de cadeia — não eram bastante severas para deter os infratores. Sem a adoção de punições mais rigorosas, acrescentou, era certo continuar havendo destruição.

O Senado escutou o conselho de seus funcionários na região de Montello e adotou medidas vigorosas. As pessoas flagradas destruindo carvalhos eram chicoteadas, aprisionadas, enviadas para o exílio e até esquarteradas ou decapitadas. Veneza também contratou um guarda armado, fornecendo-lhe dois auxiliares também armados para patrulharem e protegerem a floresta e prenderem os malfeitores.

As medidas severas tomadas com o objetivo de proteger Montello pareciam ter funcionado. Depois que as novas leis foram decretadas, um funcionário do governo, caminhando por três horas pela floresta, relatou ao Senado que “a grande quantidade de carvalho crescendo em Montello era um monumento à beleza mas também algo bastante precioso para o Estado”. Ele destacou também a dedicação do guarda. Quinze anos depois, André Corner, outro funcionário civil veneziano, também atribuiu à vigilância do

guarda florestal “a excelente condição do grande número de carvalhos que cresciam em Montello, destinados ao Arsenal”. O sucesso dessas patrulhas ao longo de muitos anos levou o sucessor de Corner a aconselhar o Senado a não baixar a guarda, e nem desistir de sua política rigorosa porque as medidas tinham efetivamente protegido “esse precioso tesouro da República”.

Veneza Perde a Maior Parte de sua Madeira

Os funcionários perceberam que as árvores das florestas vizinhas, sem vigilância, continuavam a sofrer nas mãos da população local. Nos anos 1500, “não se via nem uma única árvore” no campo ao longo do Adige, acima de Verona, e poucas cresciam nas ribanceiras do Piave até o norte de Veneza. Na verdade, no começo do século XVII, quando apareceu um relatório propondo o reflorestamento do território pertencente a Veneza, toda a vegetação das “montanhas do domínio [veneziano estava] destruída e saqueada”. A floresta de Montello se destacou como uma “jóia” no meio de toda a destruição. Mesmo as autoridades admitiram que “uma grande extensão de terra foi desmatada, apesar de todas as leis proibindo o desmatamento”.

Por que Veneza Perdeu suas Árvores

A grande expansão da sociedade veneziana nos séculos XV e XVI contribuiu, sem dúvida, para a grande perda de árvores sofrida pela república. O Arsenal, por exemplo, evoluiu de um modesto estaleiro como está descrito em Dante, para “um dos maiores [depósitos] de armamentos do mundo”. Segundo o livro *A geographical description of all countries in the known world* [Uma descrição geográfica de todos os países do mundo conhecido], de Samuel Clarke, ele cresceu a ponto de abranger uma área de 4,8 quilômetros quadrados, “onde havia mais de trezentos artefãos, trabalhando sem parar, que constroem e consertam todas as coisas do local. O Arsenal (...) tinha constantemente duzentas galés no cais (...) com todas as provisões necessárias”. A mais importante dessas provisões era, é claro, a madeira. Para manter o amplo Arsenal com estoque suficiente, era necessária uma quantidade enorme de madeira. Uma incursão para coleta de suprimentos envolvia cinquenta homens que se limitavam a extrair e preparar a madeira da floresta para transportá-la até o Arsenal. Eles tinham uma barcaça inteira carregada de madeira e planejavam encher outra antes de terminar o trabalho.

As indústrias de Veneza também cresceram. O cristal se tornou o principal produto de exportação, e era manufaturado numa das ilhas de Veneza, chamada Murano, "onde se pode ver, em um dos lados de uma rua inteira cerca de vinte fornalhas, trabalhando continuamente, dia e noite", observou Clarke. Para que as fornalhas queimassem sem parar era necessária uma enorme quantidade de madeira. O supervisor de combustível tinha sob sua responsabilidade garantir a essa indústria, assim como às outras, que nunca falhasse o abastecimento. Numa única viagem à floresta ele removeu doze mil carretas de madeira e solicitou mais duas mil.

No entanto, um número maior de árvores era destruído por incêndios nas florestas, provocados por pessoas, do que pelas necessidades do Arsenal ou dos fabricantes de vidro. Esses incêndios eram, "provavelmente, a causa primária e principal do desmatamento das montanhas", onde se localizava a maioria das árvores pertencentes a Veneza, como foi testemunhado em 1601 por Giuseppe Paulini, um proprietário de terras florestais na região de Belluno, uma área montanhosa a noroeste de Veneza. "Os incêndios aumentaram consideravelmente nos últimos cem anos", continuou ele. "Todo mundo hoje põe fogo nas matas onde a floresta está sendo derrubada para dar lugar a campos e pastagens". Fazendeiros e pastores, que provocavam esses incêndios, não se contentavam apenas em queimar as árvores, eles também punham em chamas "moitas e ervas daninhas secas a fim de estender suas pastagens e obter uma grama mais macia, de crescimento rápido, para seus animais pastarem. Os problemas surgiam, contou ele aos funcionários venezianos, quando o vento carregava o fogo para além da área que eles pretendiam queimar, e então perdia-se o controle do incêndio, "que atacava as árvores mais velhas e arrasava os pinhos e outras espécies resinosas, penetrando nos vales profundos e nos precipícios, inacessíveis aos humanos, reduzindo a cinzas as florestas que os mortais não podiam alcançar". Os proprietários de terras queimavam florestas para transformá-las em pastagens por uma simples razão: as áreas florestais rendiam-lhes apenas meio ducado por campo, enquanto cada campo transformado em pastagem valia 25 ducados ou mais.

As Conseqüências do Desmatamento

A população de Veneza pôde ver com os próprios olhos as conseqüências do desmatamento. A laguna que servia como o porto da cidade em tempo de paz e abrigava sua esquadra durante as guerras, começou a se encher de sedimentos e entulho numa escala alarmante. Como estava descrito num documento governamental, relatado por Paulini, o assoreamento ocorria

porque os habitantes das redondezas estavam "transformando área florestais em pastagem e plantações, cortavam madeiras para construção e as queimavam como combustível", acelerando a erosão. Em tempos passados, afirmou, a terra ao redor de Veneza não sofreu "as grandes enchentes e o imenso depósito de lama e entulho orgânico trazidos pelas torrentes e rios", como ocorria nessa época. Em tempos mais remotos, ainda segundo Paulini, "tanto as montanhas quanto os vales estavam repletos de árvores" e devido a essa cobertura vegetal, "a chuva (...) era absorvida pelas folhas caídas no chão. O pouco que a folhagem morta deixava de absorver era retido pelas raízes. Além disso (...) o dossel da floresta abrigava a neve, permitindo que derretesse devagar, infiltrando-se no solo". Desse modo, Paulini tinha certeza de que a floresta retinha a maior parte da vazão. O volume relativamente pequeno de água que ia para os ribeirões e rios "não causava inundações. A água descia de forma ordenada até os leitos dos rios". Mais importante que isso: "A pequena quantidade de lodo e entulho orgânico carregado pelo escoamento da água" raramente invadia os cursos d'água porque "o viçoso crescimento das plantas e árvores, nas margens dos rios, bloqueava sua passagem."

"Hoje em dia", afirmou corajosamente Paulini, "uma vez que não há vegetação para reter a água da chuva e a neve fica exposta ao sol, num instante, após uma tempestade, a água se precipitará das montanhas até a foz do rio, carregando quantidades tão grandes de detritos que as terras de pastagens serão arruinadas, os campos devastados, construções e às vezes até cidades inteiras destruídas (...) e com uma força impetuosa carregará tudo para o mar (...) e com a vazante e o escoamento das marés, todo esse entulho se depositará na lagoa...".

Embora o governo veneziano tomasse conhecimento da rápida sedimentação da lagoa e do vínculo desse fenômeno com o desmatamento, pelo menos setenta anos antes que Paulini escrevesse seu brilhante tratado sobre as florestas e a relação que mantinham com a prosperidade da zona rural circundante, o problema, segundo Paulini, "continuou sem remédio até os nossos dias", ameaçando o comércio e a segurança da República.

A frota mercante veneziana enfrentou uma ameaça igualmente sinistra devido ao desmatamento. Em 1530, os construtores de navios tiveram que pagar mais de o dobro pela mesma quantidade de madeira, que seus antecessores, isso se tivessem a sorte — reclamavam fontes no governo — de encontrar madeira no mercado. Devido à escassez, a construção de navios mercantes decresceu bruscamente em Veneza, durante a segunda metade do século XVI. Como um proprietário de estaleiro veneziano declarou para as autoridades, "a construção de navios está sendo destruída e aniquilada não apenas por causa do grande custo, mas também por causa da escassez

de madeiras de grandes porte...". O monopólio que o Arsenal mantinha sobre a madeira de carvalho, pertencente aos domínios da República, contribuiu para agravar os problemas que os construtores venezianos tinham para localizar a madeira adequada.

O alto custo da madeira local e da madeira importada que entrava em Veneza, bem como sua escassez, fez com que proprietários de navios preferissem "construir embarcações no exterior do que em Veneza", como indicava um documento veneziano publicado em 1594. Além de ser mais barato mandar construir navios em estaleiros estrangeiros, também era mais rápido, já que em outros lugares não havia os atrasos causados pelos problemas com o fornecimento de quantidade suficiente de madeira.

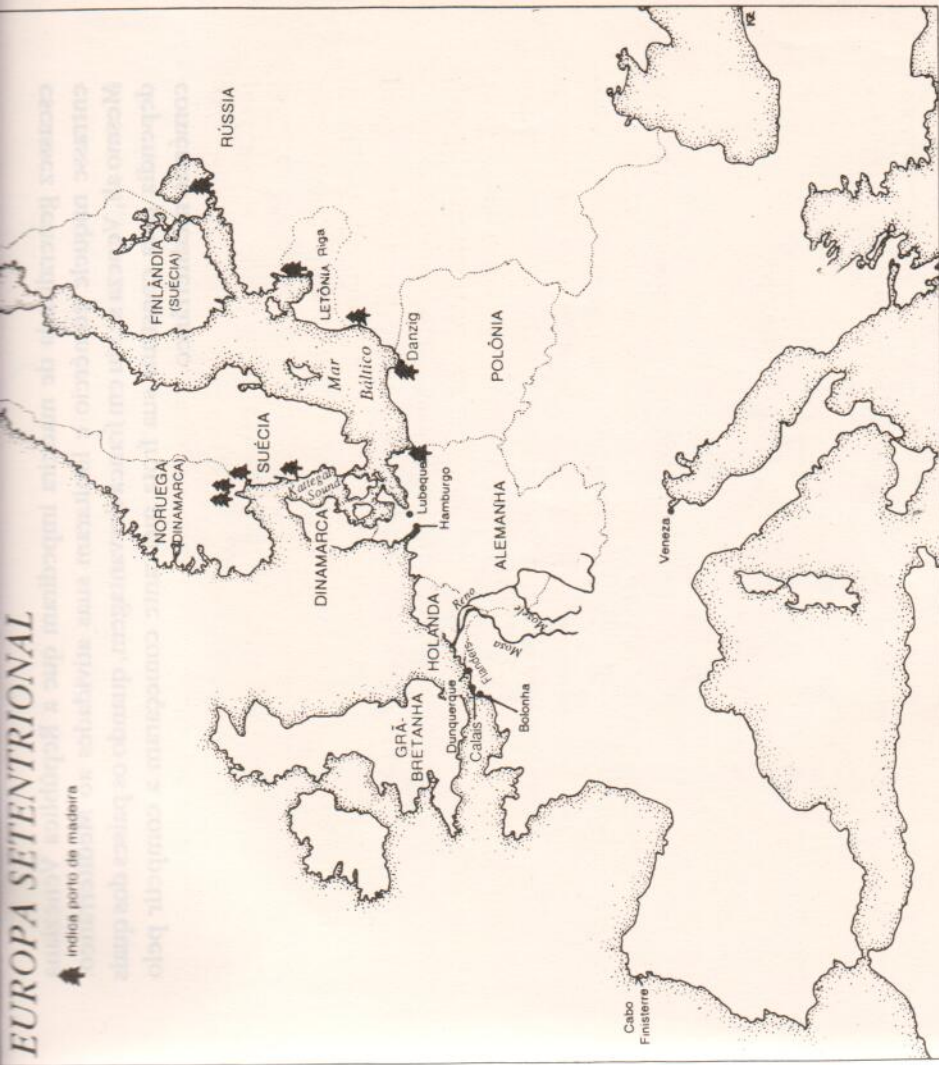
Outros construtores navais de Veneza seguiram o exemplo dos irmãos Querini, que queriam substituir um navio que lhes pertencia e afundara em 1545. Eles não conseguiram madeira suficiente em Veneza para construir outro, o que os obrigou a comprar e equipar um navio construído na costa atlântica norte da Espanha. Em 1606, mais da metade de todos os navios da frota mercante veneziana tinha sido construída fora da República. Noventa anos depois, cerca de 80% das embarcações comerciais com a bandeira de Veneza tinham sido construídos no exterior.

A Ascensão dos Estados Europeus do Norte e o Declínio de Veneza

Os holandeses construíram muitos dos navios de Veneza. Seus estaleiros estavam tão cheios que o país ganhou a reputação de ser "o Arsenal da Europa". À primeira vista, esse título pode parecer estranho, uma vez que a Holanda não possuía florestas. Mas os holandeses tiraram vantagem da localização ideal do país. Um grande número de rios navegáveis que desembocavam na Holanda corria através de vastas extensões de terras com florestas bastante densas em estados e principados adjacentes, permitindo aos holandeses livre acesso a quase todo um continente de florestas. Os Países Baixos também estavam a curta distância, por mar, das grandes áreas florestais da Noruega. Para transportar grandes quantidades de madeira para seus estaleiros, observou Sir Walter Raleigh, os holandeses tinham "quinhentos ou seiscentos navios grandes e compridos utilizados continuamente naquele comércio". Raleigh acrescentou que seus navios estavam adaptados para serem conduzidos por "poucos marinheiros" e para transportar um "grande carregamento" a fim de baratear o frete". A habilidade da Holanda em transportar grandes quantidades de madeira para seus portos, a custos surpreendentemente baixos, levou a situação a um parado-

EUROPA SETENTRIONAL

▲ indica porto de madeira



Observe a proximidade da Holanda e do resto da Europa setentrional em relação aos maiores portos de madeiras de lei e a grande distância de Veneza em relação a esses portos. O mapa da "Europa Setentrional" mostra a estreiteza do Mar Báltico, em especial perto da Dinamarca, tornando-a vulnerável aos bloqueios militares, como foi discutido no capítulo 12.

xo, observado por Raleigh: "Os bosques com maior quantidade de árvores estão nos reinos do Leste [Escandinávia, Alemanha, Rússia, Letônia e Polônia], porém as maiores pilhas de (.) troncos e madeiras estão nos Países Baixos, onde nenhuma árvore cresce."

Holanda, Grã-Bretanha e vários outros Estados europeus do norte tinham acesso a florestas abundantes, o que lhes permitiu construir grandes frotas com o objetivo de tirar vantagens das grandes oportunidades oferecidas pela abertura do comércio transoceânico. Mas as necessidades do Arsenal e a

escassez generalizada de madeira impediram que a República Veneziana entrasse naquele comércio e limitaram suas atividades ao Mediterrâneo. Mesmo ali, Veneza se viu em franca desvantagem, quando os países dos quais dependia para construir sua frota mercante começaram a competir pelo comércio mediterrâneo.

Outros consideravam a situação de Veneza como uma oportunidade para estabelecer um comércio direto com o Oriente. Mas não conseguiram fazer isso porque a República Veneziana não tinha acesso ao Mar Vermelho. A única maneira de chegar ao Oriente era através do Mar Mediterrâneo, o que significava passar por sob o domínio da República Veneziana. Isso era uma situação insustentável para os outros países que queriam estabelecer um comércio direto com o Oriente.

Os portugueses foram os primeiros a tentar estabelecer um comércio direto com o Oriente. Eles descobriram a rota do Cabo da Boa Esperança em 1488, o que lhes permitiu chegar ao Índico sem passar pelo Mediterrâneo. Isso foi uma grande vantagem para eles, pois lhes permitiu estabelecer um comércio direto com o Oriente sem depender da República Veneziana. Isso também lhes permitiu estabelecer um comércio direto com a Índia, o que lhes permitiu estabelecer um comércio direto com a Índia sem depender da República Veneziana. Isso também lhes permitiu estabelecer um comércio direto com a Índia, o que lhes permitiu estabelecer um comércio direto com a Índia sem depender da República Veneziana.